



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT10 – Informação e Memória

ARTEFATOS QUE ANCORAM MEMÓRIAS: RELATOS SOBRE DUAS CIENTISTAS BRASILEIRAS

ARTIFACTS THAT ANCHOR MEMORIES: REPORTS ABOUT TWO BRAZILIAN FEMALE SCIENTISTS

Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro - Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho aborda dois objetos utilizados em práticas científicas, atualmente preservados em uma instituição de memória, e os relaciona às trajetórias de duas mulheres cientistas: Bartyra de Castro Arezzo (1924-2022), pesquisadora e professora dedicada à Radioquímica e Química Nuclear, e Yeda Veiga Ferraz Pereira (1925-2021), graduada em Engenharia e reconhecida como a primeira astrônoma brasileira. Amparado em estudiosos de cultura material, o trabalho tem como objetivo ressaltar a durabilidade dos artefatos materiais e sua capacidade de sobrevivência aos seus antigos usuários e proprietários, o que permite associá-los a pessoas e eventos passados e, conseqüentemente, ancorar e acionar memórias. A sub-representação feminina nas Ciências ao longo do tempo é enfatizada, especialmente em áreas quase exclusivamente masculinas. O argumento foi desenvolvido por meio de estudos de caso e abordagem qualitativa. Como procedimentos metodológicos, foram utilizados pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa abordou obstáculos como o preconceito, o casamento e a maternidade, que não apenas influenciam a escolha da profissão por mulheres, mas também dificultam sua ascensão em carreiras científicas tradicionalmente exercidas por homens.

Palavras-chave: mulheres na ciência; cultura material; memória.

Abstract: This work addresses two artifacts used in scientific practices, currently preserved in a memory institution, and relates them to the trajectories of two female scientists: Bartyra de Castro Arezzo (1924-2022), researcher dedicated to Radiochemistry and Nuclear Chemistry, and Yeda Veiga Ferraz Pereira (1925-2021), who has a degree in Engineering and is recognized as the first Brazilian female astronomer. From material culture scholars, the work aims to highlight the durability of material artifacts and their ability to outlive their former users and owners, which allows them to be associated with past people and events and, consequently, anchor and trigger memories. Female underrepresentation in sciences over time is emphasized, especially in areas that are almost exclusively male. The argument was developed through case studies and a qualitative approach. Bibliographic and documentary research were adopted as methodological procedures. The research addressed obstacles such as prejudice, marriage and motherhood, which not only influence women's choice of profession, but also hinder their advancement in scientific careers traditionally held by men.

Keywords: women in science; material culture; memory.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca contribuir para as reflexões sobre a presença feminina nas ciências e, simultaneamente, sobre objetos em sua capacidade de ancorar e acionar memórias de lugares, eventos e pessoas.

Susan Pearce (1992) destaca o caráter material que distingue os objetos de criações imateriais como canções e poemas, acrescentando que eles podem gerar interessantes estudos biográficos. Ressalta, ainda, a capacidade de sobrevivência física dos objetos, que permite associá-los a eventos passados. Sua natureza material, associada à durabilidade, os torna capazes de sobreviver a seus criadores e proprietários originais, o que é destacado por Ulpiano Bezerra de Meneses (1998). A relação entre artefato e temporalidade é também abordada por Daniel Miller (1994, p. 409), para quem a sobrevivência de alguns objetos os transforma em vetores por meio dos quais pessoas são capazes de transcender seus limites temporais.

Os objetos selecionados para análise integram o acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e são abordados em sua relação com as trajetórias de duas mulheres pioneiras em carreiras científicas tradicionalmente masculinas: Bartyra de Castro Arezzo (1924-2022), pesquisadora e professora dedicada à Radioquímica e Química Nuclear, e Yeda Veiga Ferraz Pereira (1925-2021), reconhecida como a primeira astrônoma do Brasil. A questão proposta parte de dois objetos de Ciência e Tecnologia (C&T) empregados em práticas científicas: um aparelho de Kipp¹, equipamento de laboratório utilizado por Bartyra, e uma luneta meridiana² operada por Yeda no Serviço da Hora do Observatório Nacional (ON).

¹ Equipamento utilizado em laboratório para a produção de pequeno volume de gases. O nome do equipamento é uma referência ao seu inventor, o farmacêutico holandês Petrus Jacobus Kipp (1808–1864).

² Lunetas meridianas são instrumentos utilizados para a observação da passagem meridiana das estrelas, com a finalidade de determinar hora e longitude. É composta de uma luneta fixa que se move em torno de um eixo horizontal leste-oeste.

2 OBJETOS QUE CONTAM HISTÓRIAS

Em uma das salas de uma exposição que rememora a ciência no Brasil nos dois séculos após a independência, um objeto de C&T se apresenta na primeira pessoa por meio de um áudio narrado por voz feminina:

Sou o Aparelho de Kipp, utilizado na área de química, na produção de pequenos volumes de gases. A cientista brasileira Bartyra Arezzo trabalhou comigo, na Comissão Nacional de Energia Nuclear, lá pela década de 1970. Mas venho de longe... fui inventado na Holanda, pelo farmacêutico Petrus Kipp, e fabricado na antiga Tchecoslováquia. Ah, acho importante dizer, que testemunhei o trabalho da mulher na ciência. Aliás, os arquivos da Bartyra estão preservados no MAST.

O aparelho de Kipp (figura 1) integra o Fundo Bartira Arezzo, e foi doado pela própria cientista ao Arquivo de História da Ciência do MAST.

Figura 1 – Aparelho de Kipp

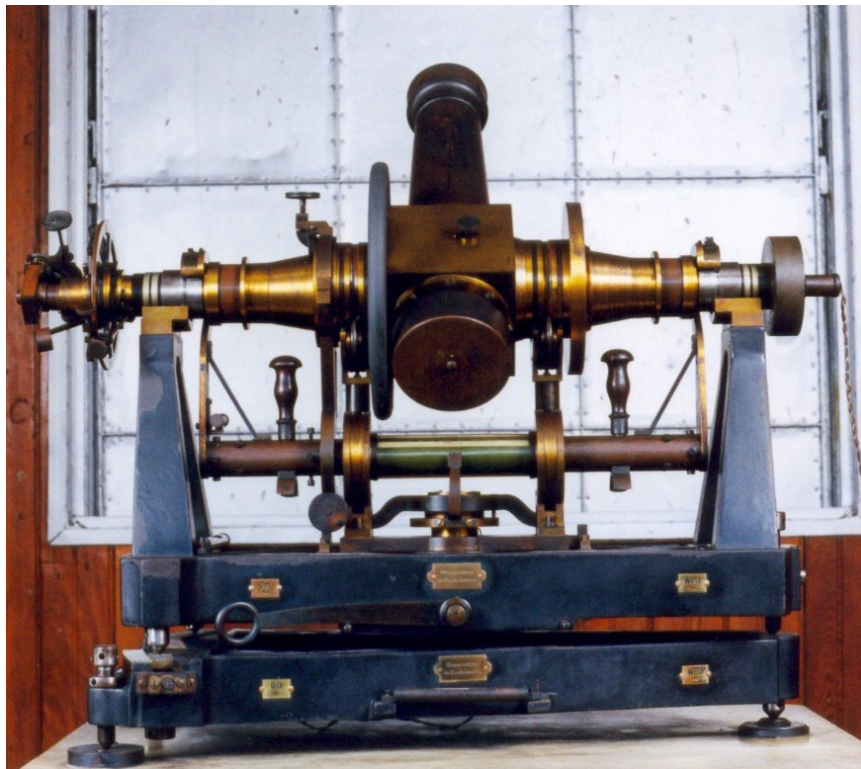


Fonte: arquivo do Serviço de Documentação e Conservação de Acervo - SEDCA/MAST.

A luneta meridiana Bamberg (figura 2), utilizada pelo ON no Serviço da Hora, foi integrada ao acervo da instituição em 1985, ano de sua criação, e incluída no processo de

Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Observatório Nacional (ON) pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), concluído em 1986.

Figura 2 - Luneta meridiana Bamberg



Fonte: arquivo do Serviço de Documentação e Conservação de Acervo - SEDCA/MAST

Os objetos analisados neste trabalho testemunham sua trajetória no espaço e no tempo, as instituições e pessoas que os utilizaram e preservaram. Em uma análise sobre o ofício do historiador, Marc Bloch (1997, p. 79) ressaltou a imensa variedade de testemunhos à sua disposição: “Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. Para além da função documental, tais testemunhos/documentos/artefatos também acionam memórias. Como ressalta Alan Radley (1990), a memória ocorre em um mundo não só de palavras, mas também de coisas. Este

trabalho parte da premissa que objetos atuam na ancoragem e acionamento de memórias de lugares, eventos e, neste caso, pessoas.

3 DUAS CIENTISTAS E SUAS TRAJETÓRIAS

Por sua capacidade de sobreviver às instituições e pessoas que os possuíram e/ou utilizaram, objetos tratados na seção anterior são abordados aqui em sua função mnemônica, com o objetivo de evocar e rememorar as cientistas Bartyra Arezzo e Yeda Pereira, que são abordadas nas subseções seguintes.

Estudos de gênero têm salientado a pouca representatividade feminina nas ciências, em particular nas áreas de exatas e tecnológicas. O problema é ressaltado pelo UNESCO *Institute for Statistics* (2019), que aponta o baixo número de mulheres em atividades de pesquisa e desenvolvimento em comparação com pesquisadores do sexo masculino em todas as regiões do mundo. Betina S. Lima (2008, 2017) observa um aumento no número total de mulheres cientistas nas duas últimas décadas no país, enfatizando, no entanto, sua sub-representação nas áreas de exatas, engenharias e computação. Essa "sub-representação das mulheres nas carreiras científicas" é apontada pela autora como "um dos problemas inaugurais" do campo de Estudos de Gênero, Ciências e Tecnologias (Lima, 2017, p. 21).

O desequilíbrio hoje observado foi certamente mais acentuado ao longo do século XX, em que mulheres eram ainda mais raras nas áreas de C&T e, em particular, no Brasil, onde só foram admitidas no ensino superior em 1879, pelo Decreto 7.247 - que reformou o ensino primário e secundário na Corte e o ensino superior em todo o Império³.

Lima (2008, 2011) recorre às imagens de "teto de vidro" e "labirinto de cristal". A primeira é empregada como "uma das metáforas que representa a barreira invisível que impede o alcance de postos mais altos na carreira pelas mulheres", acrescentando que "essa invisibilidade refere-se à não existência de obstáculos formais ou jurídicos" (Lima, 2011). A ideia de "labirinto de cristal" é uma referência aos diferentes obstáculos que marcam as

³ O ensino superior no Brasil tem início tardiamente, após a transferência da Corte Portuguesa em 1808, ano em que foram criados o Curso de Cirurgia, Anatomia e Obstetrícia em Salvador, e uma Escola de Cirurgia no Rio de Janeiro. Após a Independência, foram criados dois Cursos de Direito em 1827, em Pernambuco e São Paulo, e a Escola de Minas em 1832 (Teixeira, 1987).

trajetórias de mulheres cientistas e que determinam não apenas a demora e dificuldade de alcançar prestígio profissional, mas também a desistência de carreiras predominantemente masculinas (Lima, 2011, p. 14).

A autora aborda carreiras de mulheres cientistas, enfatizando as dificuldades enfrentadas em sua trajetória e ascensão.

A exclusão das mulheres da ciência foi mapeada de duas formas: a horizontal ou territorial, que trata da divisão de áreas do conhecimento caracterizadas em femininas ou masculinas nas ciências, e a vertical ou hierárquica, que se refere à exclusão das mulheres do topo da carreira científica, fenômeno também chamado ‘teto de vidro’. Na exclusão horizontal, percebe-se o maior número de mulheres em áreas construídas como de menor prestígio. Na exclusão vertical, o ‘teto de vidro’ é utilizado como metáfora ao se referir à invisibilidade das barreiras que dificultam e impedem a ascensão das mulheres na carreira (Lima, 2008, p. 8).

O estudo de Lima (2008) foi desenvolvido por meio de entrevistas com mulheres cientistas da área de Física com bolsa de produtividade em pesquisa. De modo geral, as entrevistas evidenciaram a percepção pelas mulheres da necessidade de dedicação máxima à carreira. Por outro lado, porém, revelaram que, apesar de serem reconhecidos como “fatores que prejudicam o andamento da carreira”, o casamento e a maternidade são importantes para a realização pessoal de muitas mulheres. Em algumas das entrevistas, a autora se deparou com menções recorrentes ao casamento, ora “considerado enquanto um fardo”, ora como “uma escolha violentamente negada” (Lima, 2008, p. 76). Uma pesquisadora ressalta: “[...] eu acho bom você ter uma vida, acho importante. **Você é um ser completo**, você não é só físico, **não sou só uma física**. Eu sou várias coisas, eu sou mãe de Fulana [...]” (Lima, 2008, p. 86, grifos da autora).

As trajetórias de Bartira Arezzo e Yeda Pereira, apresentadas a seguir, ilustram as questões aqui abordadas.

3.1 Bartyra Arezzo: uma vida dedicada à Ciência

Nascida em 1924, Bartyra de Castro Arezzo concluiu seu Bacharelado em Química na então Universidade do Brasil, sendo convidada a exercer a atividade de auxiliar de ensino nas

cadeiras de Química Orgânica e Química Analítica na mesma instituição. Seu primeiro trabalho foi publicado em 1948 pela Academia Brasileira de Ciências (ABC) e, no ano seguinte, foi nomeada instrutora da cadeira de Físico-Química e Química Superior. cursou Aplicações Radioquímicas no Instituto de Biofísica da mesma Universidade, e, a convite de Carlos Chagas Filho, tornou-se, em 1956, professora assistente do curso. Com uma bolsa do *British Council*, participou do Curso Internacional sobre Aplicações de Radioisótopos⁴, após o qual passou seis meses em um centro de pesquisas em Química Nuclear e Radioquímica, na Universidade de Durham. Aconselhada por Jacques Danon (1924-1989), pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), entrou em contato com um dos mais importantes centros de pesquisas em Radioquímica e Química Nuclear no mundo, o Laboratório de Ciências Nucleares do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), onde pesquisou por um ano com uma bolsa da Comissão *Fullbright*. Em 1965, defendeu tese de Livre Docência para a cadeira de Físico-Química e Química Superior da então Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sem interromper as atividades docentes, ingressou no Laboratório de Dosimetria⁵ da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), onde permaneceu até 1966, quando foi transferida para o Instituto de Energia Nuclear – IEN. Em 1967, foi pesquisadora visitante do Departamento de Química da Universidade da Califórnia, onde colaborou em estudos sobre a destruição da camada de ozônio, que viria a conferir, em 1995, o Prêmio Nobel de Química a seu orientador, F. S. Rowland. Na CNEN, para onde foi transferida em 1983, foi Coordenadora da área de Aplicações Técnicas Nucleares e, mais tarde, Gerente de Cooperação Técnica, cargo que ocupou até sua aposentadoria, em 1994 (Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2002).

⁴ Radioisótopos são isótopos radioativos. Isótopos (ou nuclídeos) são átomos que possuem o mesmo número atômico (ou seja, o mesmo número de prótons em seu núcleo) e número variável de nêutrons. Chama-se radioisótopo ou radionuclídeo aquele que é instável, ou seja, é passível de sofrer desintegração radioativa.

⁵ Segundo a própria Bartyra Arezzo (2021), ela ingressou no Laboratório de Dosimetria do CNEN em 1963 (Afonso, 2016).

Figura 3 - Harwell Isotope School, UK, 1959. Bartyra Arezzo é a 5ª na primeira fila.



Fundo Bartyra Arezzo, Arquivo de História da Ciência – MAST.

Em entrevista concedida em 2004 no âmbito de um projeto da Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ)⁶, Bartyra atribuiu sua persistência na carreira ao fato de não ter se casado. Questionada sobre quantas mulheres conseguiam trabalhar e ter independência na década de 1950, respondeu que “não era comum”, acrescentando: “Dá pra contar nos dedos. As outras casaram” (Arezzo, 2021, p. 53). Bartyra lembra ainda de um episódio em que se sentiu discriminada por um funcionário do Laboratório de Ciências Nucleares do MIT:

[...] ele ficava perguntando se eu não tinha namorado, o que eu fazia aqui no Brasil, ele perguntava se não era melhor eu ter me casado, ele falava que eu estava perdendo o meu tempo em ser química, e depois tivesse filhos para criar, esse papo. Ele dizia: aqui nos USA só tem mulheres secretárias, não tem nenhuma aqui no Laboratório do professor Coryell⁷, só você (Arezzo, 2021, p. 59).

⁶ Entrevista realizada no âmbito do Projeto de pesquisa “Gênero e ciência: carreira e profissionalização no IOC, Museu Nacional e Instituto de Biofísica”.

⁷ Charles DuBois Coryell (1912-1971): químico estadunidense que chefiava o Laboratório de Ciências Nucleares do MIT.

Sobre as funções das mulheres no MIT à época ela comenta:

[...] as mulheres americanas são muito poucas, lá no MIT são muito poucas. Na área de física, química, são muito poucas, a não ser na área de humanas, daí tinha bastante... sempre dizia que o primeiro escalão eram os professores, e o segundo escalão eram as secretárias. Como disputavam os homens, com muito luxo elas se vestiam (Arezzo, 2021, p. 61).

O fato de não ter se casado é ressaltado como uma opção por Bartyra, que afirma ter alcançado o que planejou para sua vida: “Viajar, estudar, sou solteirona, não me casei, tive namorado firme, depois eu achava que ia me atrapalhar, eu acho que às vezes faz falta um companheiro, mas de qualquer forma hoje eu acho que me basto” (Arezzo, 2021, p. 15). Quanto a não ter tido filhos, comenta: “[...] ou eu cuidava dos meus filhos ou eu cuidava da minha profissão. Uma coisa eu achava que tinha que ser em detrimento da outra” (Arezzo, 2021, p. 52).

3.2 Yeda Veiga Ferraz Pereira: a primeira astrônoma brasileira

Uma reportagem intitulada “Uma mulher lê a hora exata nas estrelas”, publicada na década de 1950 na Revista feminina Cigarra Magazine, resalta o fato de uma mulher operar um instrumento científico e exercer com maestria uma atividade tipicamente masculina.

Todas as vezes que o carioca acerta seu relógio para não perder o ponto, o encontro ou o avião devia agradecer à jovem doutora Yeda Veiga Ferraz Pereira. Porque ela compõe, ao lado de sete companheiros masculinos, a equipe de astrônomos que todas as noites se curva sobre a Luneta Bamberg, do Observatório Nacional, para, pelas passagens meridianas das estrelas, determinar a marcha do Relógio de Quartzo. Com os dados obtidos (com absoluta precisão de milionésimos de segundos), eles corrigem o transmissor eletrônico, que é justamente o instrumento que dita a hora aos ponteiros do Brasil, e cujos sinais todos nós escutamos, através da Rádio Relógio Federal (Armando, 1959, p. 12).

A matéria, que resalta o fato de o aparelho ser operado por uma mulher, é ilustrada por uma fotografia que mostra Yeda por trás de um instrumento científico (figura 3): a Luneta Meridiana de Bamberg, com a qual trabalhou no Serviço da Hora do ON. Na legenda da foto se lê: “A única astrônoma do Brasil e, decerto, da América, se curva todas as noites, sobre a Luneta Bamberg, do Observatório Nacional, para determinar a marcha do Relógio de Quartzo, seguindo a marcha do tempo” (Armando, 1959, p. 12).

Figura 4 - Yeda Veiga Ferraz Pereira junto à luneta meridiana de Bamberg

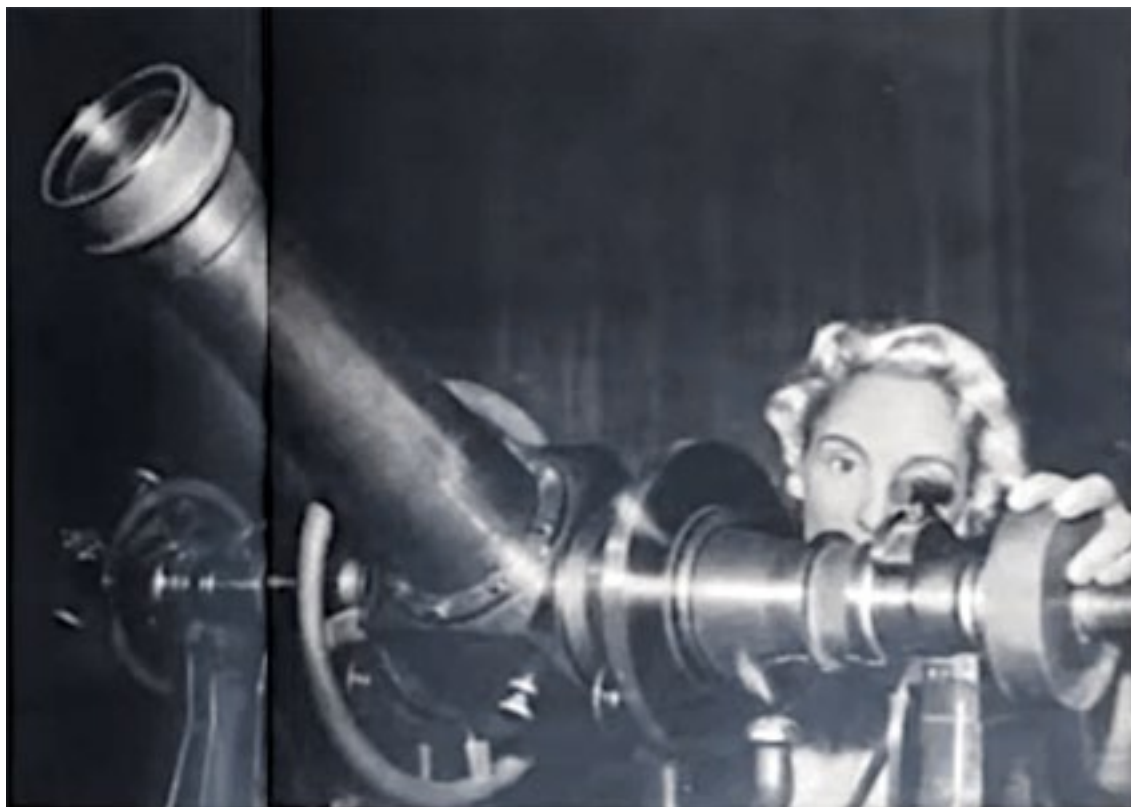


Foto Paulo Santos (Armando, 2019).

Ainda estudante do Colégio Andrews, Yeda conheceu Mauro Pereira, seu futuro marido. Ambos se destacaram nas aulas de matemática, despertando a atenção do professor da matéria, Sebastião Sodré da Gama (1883-1951), que também era Diretor do Observatório Nacional e professor da Escola de Engenharia, na qual Yeda e Mauro viriam a ingressar após o vestibular. Os encontros com o colega e com o professor definiriam o futuro afetivo e profissional de Yeda.

[...] Sodré da Gama escolheu os seus melhores alunos para fazerem parte de um grupo de calculadores a fim de criarem as efemérides. Os escolhidos, então, foram Yeda, Mauro e Luiz Muniz Barreto, que veio a ser mais tarde diretor do Observatório. A paixão de Yeda pelas estrelas começou aí, quando estava com dezoito anos (Fontes, [202-], p. 40).

Na Escola Nacional de Engenharia da antiga Universidade do Brasil, Yeda é uma das quatro mulheres de uma turma com 180 homens (Fontes, [202-], p. 40). Já no Observatório Nacional, conheceria aquele que, segundo ela própria, foi responsável pela sua formação e “pela decisão de seguir definitivamente a carreira: o Comandante Domingos Fernandes da

Costa que largara as pontes de comando da marinha, para viajar através dos espaços siderais” (Armando, 1959, p. 14).

Yeda foi admitida como “auxiliar de astrônomo, extranumerário tarefeiro”⁸ (ON, 12 abr. 1944) por meio de portaria assinada pelo Diretor do ON, Sodré da Gama, pelo prazo de quatro meses a partir de março de 1944, prorrogado por mais seis meses a partir de 1º de julho do mesmo ano (ON, 25 jan. 1944). Em 1948, já formada, ocupou o cargo de astrônomo interino e, em 1955, foi efetivada após concurso público (Viegas, 2014, p. 530). Em 1960, solicitou licença especial (ON, 04 mar. 1960) e, em 1962, pediu exoneração do cargo (ON, 12 out. 1962).

Yeda e Bartyra são da mesma geração, quebraram barreiras e foram pioneiras em suas áreas de atuação, predominantemente masculinas. Ao contrário de Bartyra, no entanto, Yeda se casou e teve sete filhos, o que a faria deixar a profissão precocemente.

A vida de Yeda foi por diversas vezes noticiada em revistas femininas que, apesar de enfatizarem seu pioneirismo na Astronomia, valorizavam especialmente seu papel de esposa e mãe de família dedicada.

Em maio de 1952, uma reportagem na Revista Manchete intitulada “O Rio é a cidade do mundo que possui mais engenheiras” tem como sugestivo subtítulo “E nenhum de seus colegas negam que **elas sejam excelentes engenheiros**” (Jean; Machado, 1952, p. 35, grifo nosso). A matéria exalta a capacidade de profissionais como Yeda Pereira, Carmem Portinho, Elsa Pinho Osborne e Marília Chaves Peixoto, entre outras, mas se refere a elas no masculino, como “engenheiros”.

Uma reportagem (já citada) publicada na Cigarra Magazine ressalta o impacto de Domingos Fernandes Costa (1882-1956) na carreira científica de Yeda, enfatiza a “precisão científica” do seu trabalho, valendo-se dos versos de “Chão de Estrelas” para compará-la poeticamente à musa da canção:

Quando o velho Mestre morre, já é astrônoma efetiva (cargo conquistado honrosamente em 2º lugar no Concurso de Provas, efetuado pelo D.A.S.P.), além de engenheira civil e eletricitista. E principalmente, **já se move sozinha e desembaraçada por entre os astros, não para pisá-los, distraída, como a musa dos famosos versos de Orestes Barbosa**, mas atenta e vigilante, para estudá-los, com absoluta precisão científica (Armando, 1959, p. 14, grifo nosso).

⁸ Segundo o artigo 37 do Decreto-Lei 5.175/1943, “tarefeiro é o extranumerário que percebe salário na base de produção por unidade”.

O mesmo tom é observado em uma reportagem publicada em 1959 na Revista Manchete, ilustrada por uma fotografia em que Yeda é retratada em sua casa, com um dos filhos no colo (figura 3).

Figura 5 – Yeda Pereira é a nossa única astrônoma



Fonte: Elas venceram [...], 1959.

No mesmo texto, Yeda é exaltada como “nossa única astrônoma”, e enaltecida por sua dupla jornada:

Durante o dia, a Sra. Yeda Pereira alterna estudos com os cuidados exigidos pelos seus seis filhos. À noite, olha as estrelas. Ela é a única cientista especializada em astronomia no País. Trabalha no Serviço da Hora e colabora no Anuário do Observatório Nacional. O marido também é engenheiro, mas, nem por isso, a vida do casal se transforma num contínuo e monótono debate sobre ciências. **A mãe Yeda faz cursos de orientação educacional, com aulas práticas diárias na observação das seis estrelinhas guardadas na sua casa na Urca. Sua vida é um exemplo de como a mulher intelectual pode conservar-se inteira e sabiamente mãe de família, nisso empenhando todos**

os seus melhores conhecimentos (Elas venceram [...], 20 jun. 1959, p. 55, grifo nosso).

A chegada do sexto filho fez Yeda se dar conta da imensa dificuldade de conciliar a carreira de astrônoma e a maternidade, motivando a solicitação de licença especial, em 1960. O pedido de exoneração veio apenas após o nascimento do sétimo bebê, dois anos depois (Fontes, [202-], p. 63).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pouca representatividade feminina nas Ciências, especialmente em áreas quase exclusivamente masculinas, contribui para que poucos objetos de C&T em acervos de museus sejam facilmente associáveis a mulheres cientistas. O aparelho de Kipp e a luneta meridiana de Bamberg podem ser considerados duas raras exceções.

Na qualidade de testemunhos involuntários (Bloch, 1997), já não servem mais às funções originais. Eles testemunham e representam pessoas, instituições, tempos, espaços e eventos. Para além do papel de documentos, são também acionadores de memórias.

Como pode ser observado ao longo do trabalho, Bartyra e Yeda têm muitos pontos em comum: nasceram com um ano de diferença (1924 e 1925), foram criadas na zona sul do Rio de Janeiro e não enfrentaram barreiras familiares para cursar o ensino superior. Ainda assim, pertencem a uma mesma geração, em que raras mulheres seguiram carreiras científicas.

Bartyra enfrentou preconceitos nos ambientes de trabalho e optou por permanecer solteira para se dedicar integralmente à carreira científica. Apesar de reconhecer que sentia falta de um companheiro, era consciente da dificuldade de conciliar a vida afetiva e a profissional, e sua opção possivelmente contribuiu para se manter na profissão por longo tempo (Arezzo, 2021).

Yeda conciliou o quanto pôde casamento, maternidade e carreira, que só abandonou após o nascimento do sétimo filho. Em pleno século XXI, esta ainda é uma realidade, embora nem todas estejam dispostas a abdicar de "ter uma vida", e ser "um ser completo", como enfatizou uma das entrevistadas no estudo de Lima (2008). A dedicação exclusiva à carreira científica ainda ocorre em detrimento da vida pessoal, das relações afetivas, e raras são as mulheres que chegam ao topo da carreira sem sacrificá-las.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Júlio Carlos. Radioisótopos na Medicina. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, jan./fev. 2016. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/radioisotopos-na-medicina/> Acesso em: 10 set. 2024.
- AREZZO, Bartyra de Castro. **Bartyra de Castro Arezzo**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. Entrevista de história oral concedida ao projeto Gênero e ciência: carreira e profissionalização no IOC, Museu Nacional e Instituto de Biofísica, 2004.
- ARMANDO, Paulo de Carvalho. Uma Mulher lê a hora exata nas estrelas. **A Cigarra Magazine**, ano 45, n. 3, março 1959.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRASIL. Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879. Reforma o ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o Império. **Legislação**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [1879]. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- BRASIL. Decreto-Lei 5.175 de 7 de janeiro de 1943. Dispõe sobre a admissão de pessoal extranumerário e dá outras providências. **Legislação**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [1943]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5175-7-janeiro-1943-415112-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- ELAS VENCERAM pela inteligência e tenacidade. **Manchete**, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959. p. 54-55.
- FONTES, Lilian. **Yeda Veiga Ferraz Pereira: Yeda, Mauro e a criação de uma família (Relatos)**. [s.l.] [202-].
- JEAN, Yvonne; MACHADO, Orlando. O Rio é a cidade do mundo que possui mais engenheiras: e nenhum de seus colegas nega que elas sejam excelentes engenheiros. **Manchete**, Rio de Janeiro, 24 maio 1952. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pasta=ano%20195&pesq=engenheiras&pagfis=211> Acesso em: 11 jun. 2024.
- LIMA, Betina Stefanello. **Políticas de equidade em gênero e ciências no Brasil: avanços e desafios**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: UNICAMP, 2017.
- LIMA, Betina Stefanello. Quando o amor amarra: reflexões sobre as relações afetivas e a carreira científica. **Revista Gênero**, Niterói, v. 12, n. 1, p. 9-21, 2011.
- LIMA, Betina Stefanello. **Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das Ciências**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2008.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 1-20, 1998.

MILLER, Daniel. Artefacts and the meaning of things. *In*: INGOLD, Tim (Ed.). **Companion encyclopedia of anthropology**. Routledge: London, 1994. p. 396-419.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **Arquivo Bartyra Arezzo**: inventário sumário. Rio de Janeiro: MAST, 2002.

OBSERVATÓRIO NACIONAL (Brasil). **Ofício 525/62 de Lélío I. Gama para o Ministro de Educação e Cultura**. Rio de Janeiro: ON, 12 out. 1962. Arquivo Institucional de História da Ciência/MAST.

OBSERVATÓRIO NACIONAL (Brasil). **Ofício ON 161/60 de Luiz Muniz Barreto para o Diretor da Divisão de Pessoal da Educação e Cultura**. Rio de Janeiro: ON, 4 mar. 1960. Arquivo Institucional de História da Ciência/MAST.

OBSERVATÓRIO NACIONAL (Brasil). **Ofício ON 22/44 de Sodrê da Gama para o Chefe de Serviço de Biometria Médica**. Rio de Janeiro: ON, 12 abr. 1944. Arquivo Institucional de História da Ciência/MAST.

OBSERVATÓRIO NACIONAL (Brasil). **Portaria nº 8/1944**. Rio de Janeiro: ON, 25 jan. 1944. Arquivo Institucional de História da Ciência/MAST.

PEARCE, Susan. **Museums, objects and collections**. Washington, D.C: Smithsonian Institution Press, 1992.

RADLEY, Alan. Artefacts, memory and a sense of the past. *In*: MIDDLETON, David; EDWARDS, Derek (org.). **Collective remembering**. London: Sage Publications, 1990. p. 46-59.

TEIXEIRA, Anísio. **Ensino superior no Brasil**: análise e interpretação de sua evolução até 1969. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

UNESCO Institute for Statistics. Women in Science. **Fact sheet**, [S. l.], n. 55, June 2019. Disponível em: <https://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/fs55-women-in-science-2019-en.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2024.

VIEGAS, Sueli M. M. Questão de gênero: a astronomia brasileira no feminino. *In*: MATSUURA, Oscar T. (org.). **História da Astronomia no Brasil**. Recife: CEPE, 2014. v. 2, p. 520-548.

AGRADECIMENTOS

Arquivo de História da Ciência - MAST, Luci Meri Guimarães.